



PREFEITURA DE SÃO GONÇALO
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

HISTORIANDO CIVILIZAÇÕES ANTIGAS

GRÉCIA

A partir do século VI a.C., os gregos conheceram sucessivos períodos de desenvolvimento, que foram denominados pelos estudiosos de acordo com o estilo de cerâmica característico. De forma genérica, o período chamado protogeométrico foi dominante de 1050 a 900 a.C., o geométrico de 900 a 750 a.C., e o orientalizante, de 750 a 600 a.C.

À medida que sua produção econômica e artística progredia, os gregos iam viajar cada vez mais longe, por terra e por mar, se dedicando ao comércio e à colonização dos territórios por onde passavam, absorvendo as características mais atraentes de cada cultura e transformando-as em fenômeno especificamente grego. Esses mercadores e esses colonizadores iam levar, para além-mar, os elementos essenciais de sua pátria mãe - não apenas a organização da unidade política fundamental em sua cultura, a cidade-Estado, mas também sua língua, seus deuses, sua literatura, sua filosofia e sua ciência.

Com aumento da população e a crescente escassez de víveres e outros recursos naturais, o movimento de migração dos gregos tomou proporções de verdadeiro êxodo; foram fundadas colônias desde as bordas setentrionais do Mar Negro até a África; das fronteiras da Mesopotâmia, a leste, até a atual França e a Espanha, a oeste. A partir de 750 a.C., durante cerca de cem anos, muitos desses colonos iam, por sua vez emigrar e construir outras cidades.

Apesar do início modesto, as colônias gregas não tardaram a se expandir por toda a Itália. Os helenos chegavam de navio, escolhiam um terreno ao longo do litoral, edificavam casas e templos e cercavam suas cidades com uma muralha. Distribuía as terras entre si, tratavam de cultivá-las e se dedicavam então ao comércio e à indústria. Inevitavelmente, surgiam conflitos e eclodiam guerras entre as colônias: algumas triunfavam, outras eram destruídas. O sul da Itália chegou a ser denominado Magna Grécia, “a grande Grécia”, devido à quantidade de cidades helenas. Várias encontraram seu lugar na história – Posseidônia, Crotona e Síbaris, além de Gela, Siracusa e Agrigento, na Sicília.

A história da Grécia do século VII a.C. é marcada ao mesmo tempo pelo crescimento da colonização e do comércio e por um afluxo de produtos vindos do Oriente-trabalhos em metal, marfim esculpido, bibelôs e tecidos. Esse intenso vaivém não se limitava às mercadorias; as pessoas também circulavam entre a Grécia e as cidades do leste, e levaram consigo ideias novas, particularmente no domínio das artes. Desse modo, os contatos com o Egito, por exemplo, revolucionariam a arquitetura grega e a escultura monumental.

O Egito, com suas cidades reais de grandes edifícios, inspirou aos helenos sua concepção de arquitetura monumental e estatuária gigantesca. Mas eles não imitaram tanto a arquitetura propriamente dita, mas sim o material usado e sua escala - as importantes dimensões conseguidas com o uso de pedra.

Se a Grécia antiga se beneficiou da influência oriental no campo arquitetônico, é os fenícios que deve o desenvolvimento de sua literatura, pois o alfabeto grego é uma adaptação do fenício.

Com o aparecimento da escrita, o período pré-histórico chegou ao fim. Costuma-se estabelecer o início formal da era histórica grega em 776 a.C., ano dos primeiros jogos de Olímpia, no qual corredores, praticantes de salto em distância, lutadores e arremessadores de disco ou dardo, vindos dos quatro cantos do mundo grego, se enfrentaram em honra a Zeus. Daí em diante, os jogos foram celebrados a cada quatro anos. Os gregos apreciavam o atletismo, que era objeto de celebração em diversos lugares. Regularmente eram realizadas em Delfos grandes festas, acompanhadas de concursos atléticos, em honra de Apolo, na Neméia em honra de Zeus, e no istmo de Corinto, em honra de Possêidon. Esses concursos eram célebres, pois os vencedores recebiam um prêmio muito desejado, apesar de puramente simbólico: uma simples coroa de folhas - de oliveira em Olímpia, de louro em Delfos, de aipo selvagem na Neméia, e de pinheiro nos jogos Ístmicos. Além dessas festividades, Atenas organizava, a cada ano, as festas Panatenaicas; o prêmio desses jogos dedicados a Atena era uma ânfora de azeite proveniente das oliveiras sagradas da deusa. Os jogos Olímpicos contribuíram em grande parte para a tomada de consciência de uma identidade nacional grega.

As festas igualmente ofereciam aos helenos ocasiões para cultivar seu senso de negócios, pois não eram apenas eventos esportivos e religiosos, mas também feiras comerciais. Seu desenvolvimento coincide com uma época de grande inovação econômica.

Durante o século VI a.C., os gregos realizaram outros progressos, ainda mais espetaculares. As cidades-Estado, embora em sua maioria continuassem sob o jugo dos tiranos, desenvolveram direitos constitucionais, definindo as obrigações ligadas à cidadania, e enriqueceram as leis. Juntamente com a ascensão da classe média, essas aberturas essenciais prepararam o aparecimento das primeiras democracias.

O ÓCIO FAVORITO DOS NOTÍVAGOS

A ideia de *sympósion* (simpósio) costuma estar associada com reuniões acompanhadas de refeição; porém, na origem, o significado literal era “beber juntos”. A refeição, servida cedo, era apenas um prelúdio do acontecimento principal: uma noite consagrada ao vinho, à música e às diversões.

Reclinados em divãs dispostos no recinto do *andron*, peça que lhes era reservada, os homens bebiam vinho, ao qual era misturada água, enquanto se distraíam com a apresentação de musicistas e dançarinas. Muitas vezes davam provas de seu próprio talento, cantando e declamando poemas, acompanhados pela própria lira. Em festividades mais desenfreadas, os homens se empenhavam em jogos associados com a bebida, como o *kottabos*, que consistia em atingir um alvo com os restos do copo. Algumas noitadas se transformavam em orgia.

Contudo, para muitos, os simpósios cumpriam uma função mais séria, tendo o propósito de revelar a força de caráter de um homem por meio de sua habilidade para demonstrar moderação. Desse modo, por exemplo, Heródoto conta a história de um pai que, para colocar à prova os pretendentes de sua filha observara seu comportamento enquanto bebiam juntos. E em uma comédia, Eubulo faz Dionísio, deus do vinho, dizer que, depois de três copos de vinho, “os convivas sábios voltavam para casa”.

TREINO PARA A COMPETIÇÃO

Apesar de os gregos não terem sido os primeiros a praticar esportes ou jogos, jamais antes deles o atletismo foi elevado ao status de competição séria, entre representantes de diversas cidades-Estado. Na verdade, a palavra “atleta” vem do grego *athlos*, que significa “competição”. Os helenos associavam as proezas atléticas à combatividade no campo de batalha e a um espírito de competição graças ao qual os concorrentes não precisavam de recompensas para dar o melhor de si. Nos Jogos Olímpicos, o vencedor ganhava uma coroa de folhas de oliveira e a honra pela vitória.

Os concursos olímpicos, no início limitados à corrida a pé, logo incluíram o lançamento de disco e dardo, a luta de boxe e o salto em distância, que os competidores praticavam nus. No século V a.C. os atletas se especializaram, contratando treinadores para supervisionar seu treino, fato que deixou Eurípides consternado, pois por ele “a coroa de oliveira deveria ir para os homens autênticos, que concebem tratados de paz e põem termo às batalhas e às revoluções”.

Mas o prestígio dos campeões e de sua cidade provocou um crescimento dos concursos, como as *Panatenaicas* de Atenas. Festividade religiosa e competição atlética ao mesmo tempo, esses encontros organizados por Atenas se tornaram cada vez mais espetaculares, servindo para reforçar e promover a imagem de domínio da beleza, da riqueza e do poder que a cidade-Estado desejava aparentar.

A PROFISSÃO, O BEM MAIS PRECIOSO

Entre todas as responsabilidades dos cidadãos gregos, uma das mais importantes era a propriedade de terras, sendo que a agricultura permaneceu como base da economia ao longo de toda a época clássica. Mas o aumento da população urbana foi acompanhado pela proliferação de artesãos e comerciantes.

A exploração da Ágora permitiu aos arqueólogos identificar em Atenas a presença de perfumistas, ceramistas, marmoristas, curtidores de peles e ferreiros, que exerciam suas profissões dentro da cidade ou junto ao centro comercial, onde reinava grande animação. As oficinas se converteram em importantes pontos de encontro. Sócrates frequentava uma dessas, cujo proprietário era um sapateiro chamado Simon.

Embora os escravos se encarregassem dos serviços manuais mais pesados, os gregos não se furtavam a tarefas árduas e, com frequência, trabalhavam com seus serviços, pelo mesmo salário.

O grau de autonomia era a medida da riqueza de um homem. Como observa um personagem de uma peça de Menandro: “Um revés da fortuna pode despojá-lo de toda prata. O que lhe restará? Um corpo nu! Só há uma segurança na vida: possuir uma profissão”.

RACIONAL OU IRRACIONAL?

A sabedoria de tantos ilustres cidadãos, espíritos poderosos dedicados à pesquisa racional das mais altas questões filosóficas que a vida possa apresentar, conferiu à Grécia sua gloriosa reputação. Ao mesmo tempo, parece que a maioria de seus habitantes se curvava aos conselhos dos oráculos, que interpretavam os sussurros das folhas ou liam o futuro nas entranhas de animais sacrificados. As placas encontradas nos santuários indicam que as súplicas dos peregrinos se voltavam principalmente para assuntos pessoais, de ordem profissional ou conjugal, e, como sublinha Platão, o povo “de bom grado depositava sua confiança em uma árvore ou em um rochedo, desde que a resposta lhe fosse conveniente”.

Mais que todos os outros adivinhos, alguns dos quais interpretavam trovões, relâmpagos, gorjeios e chilreios de passarinhos, o oráculo do templo de Apolo, em Delfos, parece ter sido considerado por todos como digno de confiança. No interior do santuário, escavado nas montanhas a noroeste de Atenas, a pitonisa assentada em um tamborete de três pés bebia água da fonte sagrada e comia folhas do loureiro de Apolo. Assim fortificada, a sacerdotisa transmitia as respostas do deus, cuja ambiguidade talvez explique a confiabilidade que se atribuía ao oráculo de Delfos. Heródoto conta a estória do rei Lídio Cresos, que perguntou se podia invadir a Pérsia. A pitonisa respondeu que se o fizesse, “destruiria um grande império”. Confiante, Cresos se lançou ao ataque, mas foi seu próprio império que destruiu.

ATENAS: A OITAVA MARAVILHA DO MUNDO

Jamais a história do homem conheceu “tamanho profusão de gênios e tantas altas realizações em tão pouco tempo” como no apogeu da civilização ateniense. Entre 480 e 400 a.C., os dirigentes de Atenas transformaram a organização política da cidade, enquanto os generais gregos alcançavam extraordinárias vitórias. Poetas, arquitetos e escultores realizaram obras de uma perfeição raramente igualada. Quanto aos sábios e aos filósofos, possibilitaram o progresso do espírito humano pelos caminhos da reflexão e do autoconhecimento. Atenas se tornou tão poderosa, e foi tão grande seu esplendor, que frequentemente se fala desse período como de uma idade de ouro. Na verdade, seria o caso de falar em uma idade de prata, pois esse metal foi a base da prosperidade da cidade, como relatam os escritos de Heródoto, Xenofonte e Demóstenes.

Atenas retirava o metal prateado principalmente das minas de Laurion, situadas a 40 quilômetros, em uma região de relevo acidentado. A agricultura havia se desenvolvido há tempos nas planícies que bordejam a margem recortada de Laurion, uma das mais áridas zonas da Ática. Seu solo poeirento e rochoso recebe poucos centímetros de chuvas por ano, e nenhum rio ou curso d’água refresca seus profundos vales entalhados entre colinas.

Nada indicava, no século IX a.C., que as choupanas de uma pequena colina dominando o Mar Egeu iriam se transformar em uma grande cidade, centro de um vasto império. Como imaginar o brilhante futuro da região diante dos campos pedregosos e das poucas encostas de onde os habitantes da Ática, a duras penas, arrancavam sua subsistência? Na mesma época, várias cidades-Estado já tiravam proveito da atividade pastoril e agrícola, bem como do progresso da fundição de ferro. A partir de meados do século VIII a.C., fundaram colônias por todo o Mediterrâneo, encontrando matérias-primas e novos parceiros comerciais.

Não se pode dizer que Atenas tenha sido totalmente desfavorecida pela natureza. Para começar, estava em um ponto particularmente conveniente da península da Ática, na extremidade sudeste da Grécia central. Havia sido construída em meio a uma pequena planície que se abria largamente para o mar, a Baía de Falera, em um território de relevo escarpado, onde o comércio essencial se fazia por mar. Protegida ao norte pelo Monte Aegaleos e ao sul pelos altos picos da cadeia do Imittos, a Ática era o ponto de convergência ideal, na hipótese de as aldeias espalhadas desejarem se reunir para formar uma confederação. De mais a mais, suas terras eram ricas em mármore de mais bela qualidade e em argila, dois materiais que lhe permitiriam realizar edificações, cerâmica, monumentos e objetos cuja beleza ainda hoje continua a fascinar o mundo. Porém, naquele momento Atenas ainda vegetava, enquanto as cidades-Estado das quais iria se tornar rival se expandiam.

Durante muito tempo os historiadores tentaram explicar por que Atenas mostrou tal atraso em relação a outras cidades gregas. As pesquisas efetuadas durante dezenas de anos no sítio da Ágora - centro político, cultural e comercial da cidade - por

arqueólogos da Escola Americana de Estudos Clássicos de Atenas trouxeram uma resposta a essa questão. John Camp, responsável pelas obras de exploração desde 1987, notou que, embora não tivesse encontrado em Atenas praticamente nenhum vestígio da época arcaica, muitas covas talhadas na rocha foram identificadas como poços datados desse período.

Graças aos fragmentos de cerâmica descobertos no fundo desses poços, os especialistas sabem que foram utilizados até cerca do ano 700 antes de nossa era, antes de ser bruscamente abandonados. Ao constatar, pelo estudo das sepulturas da época, um grande aumento da mortalidade e uma sensível diminuição da população, John Camp deduziu que a Ática deve ter sido assolada simultaneamente por uma seca e uma epidemia. Provocando uma forte redução do número de atenienses, uma catástrofe de tal envergadura poderia muito bem ter sido o único entrave ao desenvolvimento e à expansão da região.

Os sobreviventes continuaram a viver no seio de uma sociedade dominada por rivalidades de classes e de clãs. No início, Atenas era governada pelos membros das famílias mais velhas, e o resto da população não tinha nenhum direito. Ao mesmo tempo, cada vez mais habitantes se cobriam de dívidas - essencialmente artesãos e camponeses, cujos credores tinham direito de transformar os insolventes em escravos - e viviam na miséria. No início do século VI a.C., a situação se tornara insustentável; o grau de descontentamento era tamanho que poderia gerar uma guerra civil.

Nessa época, os atenienses se voltaram para Sólon, muito estimado por seu patriotismo, por sua honestidade e pela beleza de suas poesias. Em 594 ele foi nomeado arconte e recebeu poderes extraordinários. Sólon proclamou a abolição das dívidas e promulgou leis autorizando os atenienses do sexo masculino, com exceção dos mais pobres, a participar do governo e da Justiça. Concedeu direito de voto e igualdade a todas as classes na Assembléia do povo, onde se discutiam os negócios da cidade. No entanto, apesar de ter feito tanto pelo povo, a ameaça de guerra civil voltava a pairar. Sólon, impotente, foi para o exílio, e não tardou para que muitas de suas reformas fossem abandonadas. As classes inferiores, que haviam conquistado recentemente o direito de voto, deram seu apoio a tiranos oriundos da nobreza. Mas o nome de Sólon permaneceu ligado à vasta reforma social e política que determinou o desenvolvimento de Atenas. Quanto aos atenienses, haviam provado o gosto da democracia e não iriam esquecê-lo facilmente.

Nos anos seguintes, homens ambiciosos tentaram se impor. Tal fato era comum nas cidades, que davam o nome de "tiranos" a esses soberanos improvisados. Entre eles figurava Pisístrato, que tomou o poder pela primeira vez em 570 a.C. Foi deposto e exilado por duas vezes, sendo a segunda durante onze anos, por não conseguir melhorar a catastrófica situação econômica da cidade. Em 545 a.C., ele conseguiu finalmente tomar o controle da Ática. Até sua morte, em 528 a.C., Pisístrato contribuiu muito, se não pela liberdade de Atenas, pelo menos para seu progresso. Teve papel determinante no desenvolvimento econômico da cidade e no despertar da consciência cívica de seus habitantes.

Para que a veneração a Atená ficasse arraigada no coração dos atenienses, o tirano decidiu celebrar grandes festas anuais em sua honra, as Panatenaicas. Estas não se limitavam a competições para que os atletas medissem sua força, sua velocidade e a destreza no manejo das armas; incluíam também concursos de música, leitura dos textos de Homero, corridas à luz de tochas e até regatas no porto do Pireu. A cada quatro anos, por ocasião das Panatenaicas, uma grande procissão partia da Ágora em direção à Acrópole. Pisístrato programou ainda, a cada primavera, as grandes Dionisíacas - que duravam seis dias, consagradas a representações de episódios da vida de Dionísio; essas festas deram origem à tragédia e à comédia gregas. Fazendo de Atenas um grande

centro cultural e artístico, Pisístrato deu a seus concidadãos a certeza do caráter único de sua cidade.

A aristocracia ateniense tentou retornar o poder, mas Clístenes, eupátrida partidário de Sólon e tio-avô de Péricles, foi levado ao poder por uma revolução popular; ao assumir, pôs em prática um programa de vastas reformas, que terminaram por dar um governo democrático a Atenas entre 506 e 500 a.C.

Atenas se tornara o que atualmente chamamos democracia, um Estado no qual o povo (demos) exerce a soberania. No século IV a.C., Aristóteles assim definiu as bases do sistema democrático: “É a eleição, pelo povo, de representantes saídos do povo; o conjunto de cidadãos governa cada um, e cada um, por sua vez, exerce seus direitos políticos sobre todos os outros”. A Ática conheceu esse sistema democrático durante dois séculos; no entanto, no final do século VI a.C., precisou enfrentar temíveis adversários.

Quando a República ateniense brilhava com maior esplendor, o chefe Péricles, que por parte de mãe descendia da ilustre família dos Alcmeônidas, se firmou na Assembléia do povo pela pujança de seu discurso. Monopolizou a cena política durante trinta anos e completou as reformas democráticas iniciadas por Clístenes, seu tio-avô. Péricles deu a todos os cidadãos acesso às dignidades, assegurando-lhes, pela primeira vez, remuneração pelo tempo dedicado aos negócios públicos, de modo que os artesãos ou os trabalhadores de condição modesta não eram prejudicados ao exercer funções de juiz, ou de membro do Conselho. Porém, foi sobretudo por ter feito de sua cidade uma metrópole resplandecente, emblema da civilização e da arte Antigas, e também pelos meios controversos que empregou, que o grande homem de Estado ateniense passou para a posteridade.

Péricles obrigou os membros da Liga de Delos a contribuir para a grandeza de Atenas, desprezando as críticas e afirmando que a cidade “de democracia tinha apenas o nome e que, na realidade, o governo era exercido apenas por um cidadão”. A prata dos aliados desse modo, serviu para financiar a reconstrução dos edifícios públicos, de mercados cercados por colunatas, de teatros e ginásios, dentro da cidade e em seus arredores. Péricles confiou a Fídias a direção estética da edificação dos monumentos da Acrópole, colocando a seu dispor os melhores arquitetos e artistas da época.

A Acrópole foi transformada em uma espécie de pedestal, coroado por templos e estátuas. O acesso era feito pela porta monumental dos Propileus, que havia substituído a entrada anterior, mais modesta. A mais ou menos 40 metros dali, praticamente no mesmo alinhamento dos Propileus, se erguia uma imensa estátua, em bronze, de Atená Promachos (combatente de primeiro nível), esculpida por Fídias entre 465 e 455 a.C., para comemorar a vitória ateniense em Maratona. A 50 metros da estátua de Atená Promachos, no local em que um soberano micênico construía seu palácio sete séculos antes, Péricles decidiu edificar um templo, que foi chamado Erectêion. O santuário abrigava uma antiga efígie de Atená Polias em madeira e altares consagrados aos cultos de Zeus, Possêidon e Hefesto, deus do fogo e das forjas. Sem dúvida, isso explica os diferentes níveis e a diversidade do edifício, assim como os dois pórticos da fachada ocidental.

De acordo com Plutarco, os principais monumentos da Acrópole foram edificadas com uma rapidez estonteante. “As pessoas imaginaram que a construção de cada monumento iria se prolongar por algumas gerações, mas todos foram edificadas durante a idade de ouro de um único governo”.

Graças à criatividade e ao gênio dos que embelezaram a Acrópole, Atenas se tornou a capital aristocrática da Grécia. A beleza do Partenon e a perfeição de suas linhas testemunham a prosperidade, o esplendor, a elegância, o refinamento e a determinação dos atenienses contemporâneos de Péricles. Generosos doadores afluíram de todo o mundo grego, oferecendo altares e estátuas destinadas à Acrópole, de tal modo que o

lugar em pouco tempo parecia, para repetir a expressão de um pesquisador, “um museu ao ar livre consagrado à arte, à religião e à história, repleto a ponto de estourar”.

Referência bibliográfica

Grécia - Templos, Túmulos e Tesouros. Civilizações Perdidas. Abril Coleções – Rio de Janeiro. Editores de Time-Life Livros.